

Popularidade preocupa Sarney

EYMAR MASCARO

Vinte e quatro horas depois que Sarney ocupou a rede nacional de rádio e televisão para anunciar oficialmente a moratória, um emissário do governo desembarcou em São Paulo, tendo como uma das missões encomendar pesquisas a institutos especializados que vão medir se as populações dos grandes centros brasileiros apóiam ou não a medida drástica do presidente da República. A vinda do emissário a São Paulo indica que o presidente José Sarney continua preocupado com a sua imagem e com a sua popularidade.

Nenhum outro presidente do Brasil alcançou índice tão grande de popularidade como Sarney, após o anúncio do Plano Cruzado I, a 28 de fevereiro de 1986. Mas, da mesma forma como subiu rapidamente na escala da preferência popular, Sarney caiu, como atestam as últimas pesquisas depois de ter decretado o Plano Cruzado II. Agora, o presidente tem esperança de recuperar a imagem e a popularidade com o anúncio da moratória. Seu ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, por exemplo, comentou no fim de semana que o pedido de moratória atendia também a uma reivindicação não só das classes trabalhadoras como de lideranças sindicais. Além do presidente da República, também seus ministros estão preocupados com a situação do País e com eventuais divisões negativas das urnas, nas próximas eleições.

O governo não pode gastar dinheiro com pesquisas porque a lei não permite. Por isso, quando tem interesse em medir sua popularidade ou de conhecer o pensamento da maioria da população em relação a seus atos, as pesquisas são encomendadas por ele, mas pagas por tercei-

ros, por amigos. As vezes, oferecidas gratuitamente pelos próprios institutos de pesquisas.

No caso da moratória, anunciada de forma oficial na sexta-feira à noite, o presidente José Sarney receberá nas próximas horas levantamentos feitos por institutos especializados que já começaram a sondar as populações no sábado, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. O governo está visivelmente preocupado em saber se a maioria apóia ou não sua medida porque dependerá dessa opinião o crescimento de sua popularidade. Nos governos anteriores, sobretudo os revolucionários, de 64 até 85, era comum o SNI informar os presidentes de tudo que ocorria no País, inclusive sobre as medidas que provocavam reações negativas ao governo. Com a implantação da Nova República, não se sabe se o comportamento do SNI é o mesmo. Se não for, o presidente não é tão bem informado como eram os presidentes da Velha República. Quanto maior for o prestígio popular de Sarney, menores serão as possibilidades do Congresso constituinte antecipar a eleição presidencial. Se o presidente recuperar a imagem e o prestígio, os constituintes encontrarão maior dificuldade para marcarem eleição para o próximo ano, como se cogita no Congresso. De fevereiro de 86 a fevereiro de 87, houve uma mudança no comportamento do presidente José Sarney: quando sua popularidade era alta, o presidente viajava e aparecia constantemente em público, pois sabia que seria alvo de aplausos. Com o descongelamento de preços e a imposição do Plano Cruzado II, o presidente se recolheu ao Palácio, cancelou viagens e passou a evitar o público, com sua popularidade comprometida, em baixa, expondo-o a eventuais manifestações de desagrado.



Don Felipe dá cigarreira a Sarney, que não fuma

Sérgio Borges

Príncipe é recebido com todas as honras oficiais

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Bronzeado, com uniforme de cadete da Marinha da Espanha, o príncipe dom Felipe de Bourbon Grécia visitou ontem à tarde o Palácio do Planalto e presenteou o presidente José Sarney, que não fuma, com uma cigarreira de prata, na qual foi inscrita uma dedicatória com o seu nome. O presente à dona Marly permaneceu

fechado, por uma questão de discrição, já que ela não estava presente. O príncipe ganhou de Sarney uma espátula, também em prata, com cabo cravejado de pedras semipreciosas brasileiras.

Apesar de ter-se tratado de uma visita de cortesia, o príncipe teve to-

das as honras oficiais, subindo a rampa do Palácio do Planalto sob o olhar atento dos Dragões da Independência. O ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, que almoçará com o príncipe Felipe juntamente com o ministro da Justiça, Paulo Brossard, o acompanhou desde o pé da rampa até o salão de despachos, onde estava o presidente Sarney.

Além dos presentes, o príncipe entregou a Sarney uma carta de seu pai, o rei Juan Carlos, na qual, segundo o porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, saúda o povo brasileiro e informa que o filho está no Brasil em viagem de instrução militar, a bordo do navio-escola "Juan Sebastian Elcano", que está fundeado no Rio.

Garcia faz críticas à indefinição de Sarney

AGÊNCIA ESTADO

"Se o presidente desejasse um conselho meu, eu lhe diria para propor logo à Assembléia Constituinte a fixação do seu mandato." Quem gostaria de aconselhar o presidente Sarney é o governador de Minas, Hélio Garcia, que ontem, em Teófilo Otoni, afirmou que essa iniciativa já deveria ter sido tomada, pois contribuiria "com uma saída para a atual crise brasileira". Partidário de um mandato de quatro anos para o atual presidente, Garcia acha que Sarney deve "verificar o período que considera necessário para fazer um bom governo e sugerir-lo aos constituintes". Dessa maneira, em sua opinião, Sarney ganharia mais força até para negociar a dívida externa. "Com a indefinição fica difícil negociar, pois quem discute quer saber até quando o seu interlocutor permanecerá no cargo."

O governador mineiro assegurou que não pretende encurtar o mandato do presidente; apenas considera "fundamental que se coloque um fim nessa discussão sobre quantos anos deve durar o atual governo". Segundo Garcia, Sarney "tem legitimidade para o exercício da Presidência, porque foi eleito juntamente com Tancredo Neves". É necessário, contudo, que se defina logo até quando governará, "para saber se terá tempo para propor as soluções dos problemas que o País vive".

Garcia entende que hoje "falta ao Brasil a figura de um líder", motivo pelo qual "o povo brasileiro está praticando um voo cego, sem radar para se orientar". Para resolver esse problema, segundo o governador mineiro, nada melhor que a Constituinte marcar as eleições presidenciais, o que poderia contribuir para o surgimento de líderes "novos". "Todo país, quando está em crise, procura orientar-se por um grande líder, e eu,

incluindo-me entre todos os políticos, não vejo nenhum líder nacional neste momento" — frisou Hélio Garcia.

O governador de Minas prevê que o País viverá momentos de grande recessão em futuro próximo, mesmo renegociando sua dívida externa. Assim, ele voltou a insistir na idéia de um pacto político na Constituinte, ou seja, uma aliança de todos os partidos nela representados que apoiaria o governo Sarney. Esse pacto, em sua opinião, obteria rapidamente o que o governo pretendia com a fracassada proposta do pacto social.

MANDATO GARANTIDO

Ao sair de audiência com o presidente Sarney, ontem em Brasília, o ministro da Justiça, Paulo Brossard, voltou a falar da preferência da maioria dos futuros governadores com quem esteve recentemente: o mandato de seis anos, como previsto na atual Constituição, deve ser mantido pelo menos para Sarney. Mais uma vez Brossard fez questão de destacar que a iniciativa de tratar do assunto partiu sempre dos governadores eleitos.

O ministro garantiu também que essa questão não foi mencionada no seu encontro de ontem com o presidente Sarney. Brossard acha, no entanto, que o presidente tem nos governadores um conselho de primeira ordem, dos mais qualificados. Baseado nisso, o ministro da Justiça lançou a idéia de Sarney reunir-se periodicamente com todos os governadores, ou com um grupo deles. Mais uma vez Brossard garantiu que não tratou desse assunto com o presidente; trata-se apenas de "ponto de vista pessoal". Reforma ministerial é também um tópico que ele não conversou com os governadores eleitos. Outra opinião do ministro: Sarney não deve necessariamente tratar desse assunto com os governadores.